

UMA DISCUSSÃO LACANIANA SOBRE A ESCRITA FEMININA DURANTE O ROMANTISMO E O PERÍODO VITORIANO

Ana Paula Alves dos Santos (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Marisa Corrêa Silva
(Orientador), e-mail: mcsilva5@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes / Maringá - PR

Linguística, Letras e Artes / Literaturas Estrangeiras Modernas

Palavras-chave: literatura, materialismo lacaniano, ginocrítica

Resumo:

No presente artigo analisa-se, num primeiro momento, o contexto de produção das romancistas pioneiras da literatura inglesa – Jane Austen e Emily Brontë – no século XIX, a partir da ginocrítica de Elaine Showalter, um estudo aprofundado da mulher exercendo o papel de escritora, no intuito de estabelecer os obstáculos às autoras naquela época, bem como a forma que esses aspectos transparecem nas obras principais das escritoras estudadas; num segundo momento, somamos a essas noções os conceitos de Violência Objetiva e Subjetiva, postulados por Slavoj Žižek, a fim de compreender a fundo o porquê dessas mulheres terem o direito à escrita negado/dificultado. Assim, serão apontados os aspectos contextuais provenientes de uma investigação pautada no materialismo lacaniano e na crítica moderna feminista, na realidade e cotidiano da representação da vida feminina na era oitocentista.

Introdução

As irmãs Brontë e Jane Austen foram especialmente designadas por serem pioneiras no ramo da ficção, um terreno nunca antes desbravado por mulheres no Ocidente. As imagens do homem opressor, que possui o direito de desbravar o mundo, e da mulher oprimida, inerentemente passiva e sem poder de conhecer o mundo fora do espaço doméstico, como ilustra Beauvoir (1980), são muito marcadas nas vidas dessas grandes escritoras. Emily e Jane têm muito em comum: cresceram e viveram em uma sociedade fortemente patriarcal, tiveram figuras paternas ligadas à religião, nunca se casaram, nem tiveram filhos. E o mais importante, apesar de todo o receio, das proibições e da negação: não deixaram de escrever como mulheres. Como ilustra Woolf (2014, p.54): “Quanta genialidade, quanta integridade, devem ter sido necessárias diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade puramente patriarcal [...] Somente Jane Austen e Emily Brontë fizeram isso”.

A análise, de viés historiográfico, filtrada pelas lentes lacanianas e ginocríticas, irá investigar a vida e obra de algumas escritoras do período

Romântico e Vitoriano inglês, com destaque para as duas apontadas anteriormente, a fim de discutir como a sociedade *fê-las* escritoras, por que continuaram escrevendo contra tudo e, finalmente, como essa persistência se caracteriza como uma tentativa de alteração (que implica em violência simbólica) contra a repressão (violência objetiva) que era exercida contra seu desejo de se firmarem como escritoras.

Revisão de Literatura

Seguindo uma abordagem qualitativa de pesquisa, este artigo será regrado em uma metodologia historiográfica, pautada na crítica feminista, mais especificadamente, ao estudo da mulher como escritora ou seja, a ginocrítica (**A crítica feminista no território selvagem**, 1994), e no materialismo lacaniano, uma corrente filosófica aqui representada por Slavoj Žižek (**Violência**, 2014).

Esse aparato analítico foi aplicado ao contexto de produção das autoras Jane Austen e Emily Brontë – e também das irmãs de Emily, Charlotte e Anne Brontë – para entender como a vivência delas é representada em certos pontos de suas narrativas. As obras **Jane Austen: A Family Record** (2004) e **The Brontës: Charlotte Brontë and her family** (1988) auxiliaram no entendimento da sociedade em que viviam e em como esta moldou as obras e as próprias autoras, como escritoras. Logo em seguida o *corpus* bruto foi lido e analisado: **Razão e Sensibilidade** (2015), **Orgulho e Preconceito** (2015), **Emma** (2015), de Jane Austen; **O Morro dos Ventos Uivantes** (2015), de Emily Brontë; **Jane Eyre** (2010), de Charlotte Brontë. Outras obras que auxiliaram muito a pesquisa foram **Um teto todo seu** (2014), ensaio redigido por Virginia Woolf e **O segundo sexo** (2009), de Simone de Beauvoir.

Resultados e Discussão

A história das mulheres é uma narrativa concebida por homens, para homens, e pelos homens. A literatura feminina ocidental teve um início muito tímido e elitista no século XVIII: antes disso, o modo que a literatura representava as mulheres abstraía-se num ideário simplório, variando entre os arquétipos de Anjo, Megera ou *Femme Fatale* (usados até hoje), isso quando a figura feminina não era completamente apagada. Estudar e tentar aprofundar-se nos escritos dessas mulheres ajuda a delinear uma tradição feminina de escrita, e é preciso analisá-las de acordo com critérios que não sejam patriarcais.

Jane Austen [Steventon, Hampshire, Reino Unido, 1775-1817], Emily Brontë [1818-1848], (Charlotte Brontë [1816-1855], Anne Brontë [1820-1849] – todas nascidas em Thornton, Yorkshire, Inglaterra – cresceram em meio à *gentry* (classe média rural) oitocentista, período no qual pouquíssimas mulheres tinham acesso à educação formal. Porém, por serem filhas de párocos, foi possível que todas tivessem, além de certa educação informal em casa, alguns curtos períodos em internatos, o mais próximo da educação

formal que as mulheres tinham na época. A seu modo, foram mulheres intelectualmente privilegiadas. Todas as quatro morreram sem chegar aos 45 anos de idade, mas escreveram obras lidas ainda hoje. O morgadio (prática de linhagem na herança e nos costumes de uma família) determinava como seria a vida da moça oitocentista, e isso diz muito sobre as escritoras a quem essa discussão abrange. Ao invés de se casarem, dedicaram sua vida às suas obras, mesmo que isso não anunciasse um futuro frutífero, nem para elas, nem para as obras; não havia uma tradição de escrita feminina a ser seguida, nem lugar para elas no meio literário. Ademais, podemos concluir que a realidade social em que viviam é explicitamente retratada em suas obras (além do próprio morgadio, claro, presente em todas as obras de Jane Austen, no único romance de Emily Brontë, e nas obras mais conhecidas de Charlotte e Anne, como **Jane Eyre** e **A Senhora de Wildfell Hall**). Essas autoras escreveram histórias reais sobre suas heroínas, descrevendo as mulheres como múltiplas e diversificadas, com atitude, desejos, personalidade e pensamento próprio. Da mente sombria de Emily à comédia ácida de Austen, há a realidade daquilo que viviam.

Uma discussão estrutural sobre a sociedade na qual as escritoras viviam encontra a necessidade de analisar a violência simbólica e sistêmica a que elas estavam submetidas: é necessário reconhecer as raízes dessas violências, pois “estamos falando sobre a violência inerente a um sistema: não só da violência física direta, mas também das formas mais sutis de coerção que sustentam as relações de dominação e de exploração, incluindo a ameaça de violência” (ŽIŽEK, 2014, p.22), ou seja, o sistema socioeconômico capitalista em que estavam inseridas, o qual tinha o morgadio como característica fundamental, já que apenas os homens teriam acesso a bens e títulos. A violência explícita e mais facilmente reconhecível como tal é nomeada por Žižek como “violência subjetiva”, enquanto os atos de violência que não são a explosão de um ou de vários sujeitos são chamados de “violência objetiva”. Essa última é postulada em duas facetas: a violência simbólica e a sistêmica. A violência simbólica seria aquela articulada e alicerçada à linguagem e que, apesar de heterogênea e multifacetada, apresenta rastros ideológicos do grupo dominante; e a sistêmica, aquela empregada a partir dos sistemas histórico-sociais vigentes que delimitam e destinam os sujeitos a sua realidade social (ŽIŽEK, 2014). A sociedade patriarcal que governava a vida dessas autoras, submetia-as a uma violência objetiva sistêmica, que as oprimia e controlava através do morgadio e das proibições religiosas ou morais impostas; apesar de terem uma realidade muito diferente, as mulheres da época eram tão treinadas para acatar a condição de submissão que romantizavam sua realidade, vivendo em uma realidade social fantasiada (elas não podiam agir, mas seus maridos podiam, logo, casar-se com um homem resolveria seus problemas); o ato de escrever contra essa sociedade e essa realidade social, criticando-a, quando não satirizando-a, era por si só um ato de violência simbólica contra seus opressores.

Conclusões

Pela observação dos aspectos analisados, concluiu-se que a tradição masculina desde sempre estereotipou (quando não excluiu) as mulheres e suas personalidades, portanto, ao dar voz e autonomia a suas heroínas, Jane Austen e Emily Brontë (e suas irmãs) quebraram a tradição e iniciaram uma nova perspectiva literária. Essas mulheres, privilegiadas a seu modo – já que tinham instrução informal e formal – não deixaram de descrever sua realidade, numa sociedade patriarcal e opressora, para dar vida a suas personagens. Elas deram vida a histórias de mulheres intelectualmente autônomas, ou que ansiavam fortemente por isso, pois era a maneira como expressavam seu descontentamento. Esse ato de rebeldia que era continuarem a escrever, mesmo sem nenhum incentivo ou perspectiva, é tomado nessa análise como um ato de resistência à violência objetiva em que estavam inseridas, logo, escrever era um ato de violência simbólica. Não há como negligenciar o papel do sistema econômico (capitalista) na sociedade patriarcal em que viviam, que era (e continua sendo) a raiz da desigualdade social, representada, muitíssimo bem nesse caso, pelo sexismo.

Esse e outros estudos sobre a literatura de autoria feminina e como ela é tratada auxiliam tanto a expansão dos estudos ginocríticos, que a cada dia tomam mais força dentro do âmbito acadêmico e fora dele, quanto a linha de pesquisa do Materialismo laciano aplicado à análise literária, da qual a profa. Dra. Marisa Corrêa Silva, do PLE-UEM, é a pioneira no Brasil.

Agradecimentos

Às professoras Marisa e Alba, pela orientação e ajuda; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo incentivo; e a todas as mulheres que lutaram e ainda lutam por equidade.

Referências

FRASER, R. **The Brontës: Charlotte Brontë and her family**. New York: Crown Publishers. 1988.

LE FAYE, D. **Jane Austen: A Family Record**. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (Org). **Tendências e impasses**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

29º Encontro Anual de Iniciação Científica
9º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



29 a 31 de outubro de 2020

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: Seis reflexões laterais.** Tradução Miguel Serras Pereira. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.